

amente na direcção do sul, por
 algumas trilheções que os Jesuitas
 tinham recolhido antes da sua ex-
 pulsão de S. Paulo. 1837

Além da planície que cerca es-
 ta Cidade, he o Paiz coberto de
 montes, e o terreno he desigual,
 montanhoso. Os infatigaveis ex-
 ploradores atravessaram o Rio,
 muito mais largo a quatro milhas
 de S. Paulo do que na sua emboca-
 dura. Ach. rão nas suas margens
 admiraveis colinas, golpes de vis-
 ta pintorescos; belas terras vir-
 gens, que pelos ligeiros cuidados
 da cultura, terião produzido não
 somente o necessario; mas huma
 multidão de objectos de luxo, e de
 grande ostentação.

Desprezãrão ahi estabelecer-se
 este paiz, que merecia pelo seu clima
 agradável, e pelo seu magnifico ter-
 reno, ser chamado o *Paradizo Ter-
 restre do Brazil*, heco abandonado,
 e solitario, como o do Eden
 depois do peccado do primeiro ho-
 mem, em quanto os seus possuido-

Descripção
 deste rio
 districtos

res loucos, e insaciáveis de ouro como os filhos de Caim, se desviarão destes risonhos quadros, das riquezas que a natureza patenteava a seus olhos, para irem em caravanas, acompanhados de seus escravos negros, e Indios em busca de hum metal corruptor.

Tocarão então inteiramente o termo do seu designio. Acharão em fim a vinte milhas de S. Paulo a montanha Jaragua. Abriu-se ahi a mina de ouro mais antiga da America Portugueza (a), famigerada pelos

(a) Este descobrimento em tempo de Artur de Sá, e Antonio de Albuquerque Coelho, e os governos de Affonso Furtado, e os mais que se podem ver em Rocha Pitta, foi de muita importancia, e bem glorioso a Portugal. No Reinado do Rei D. João V. se começaram a recolher copiosissimos tributos destas minas. Mandarão-se cultivar, e em muy pouco tempo foi tamanha a concurrencia dos povos, que se edificarão Villas, e Aldéas, que se repartirão em diversas Ovidorias, e pela bondade do terreno correspondêrão os opulentos fructos ao bom cuidado, e diligên-

O PIRATA

DRAMA TRAGICO

EM DOUS ACTOS

Para se representar

NO

REAL THEATRO

DE

S. CARLOS.



O. RINATA

DRAMA

IN FIVE ACTS

BY

TO

REAL VITARIO

CHARLES



Printed and Sold by the Author, at the Theatre Royal, Covent Garden, London.

ARGUMENTO.

O Duque Ernesto de Caldora, Senhor poderosissimo, Siciliano, amava perdida-mente a bella Imogene, e a desejava para esposa; porém ella tinha o coração prevenido a favor de Gualter, Conde de Montalto, O Duque de Caldora, para vingarse do preferido rival, que com o velho pai d'Imogene seguia o partido de Manfredo, se pôz a favorecer os designios de Carlos d'Anjou; e tanto fez, que, morto Manfredo, o partido d'Anjou triunfou na Sicilia, e Gualter, vencido em batalha, foi perseguido e proscripto.

Fugiu este para Aragão, cujo Rei, inimigo dos Anjouezes, pretendia ao dominio da Sicilia; mas não alcançou naquelle Reino a protecção que esperava. Não lhe restou outro partido, para fazer damno aos seus inimigos, senão o de armar uma esquadra de Piratas Araganozes, com os quaes, andando a corso por mais de dez annos, fez aspera guerra aos Anjouezes, esperando sempre poder vingar-se, e recuperar a amante. Porém esta para elle estava perdida, pois que o Duque de Caldo-

ra tinha feito prisioneiro seu velho pai , e constringido a infeliz Imogene a comprar a vida d'elle com o preço da sua mão.

A ousadiados Piratas chegou a tanto , que Carlos d'Anjou julgou dever expedir contra elles todas as suas forças da Sicilia , confiando o seu commando ao Duque de Caldora. Encontraram-se as duas Esquadras nas aguas de Messina ; e , depois de um longo combate, Gualter foi vencido , e obrigado a fugir com um só navio. Surprehendido depois por uma borrasca , foi lançado sobre as costas da Sicilia , onde doente e afflicta definhava a desgraçada Imogene.

Neste ponto começa a acção. O que depois acontecesse , no Melo-drama se verá.

INTERLUCTORES.

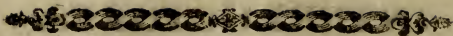
ERNESTO, Duque de Caldora, partidista da casa d'Anjoa.....	<i>Sr. J. B. Campagnoli.</i>
IMOGENE, sua mulher antiga amante de....	<i>Sr.^a Thereza Tavola.</i>
GUALTER, já Conde de Montalto, e partidista do Rei Manfredo ora fugida, e chefe de Piratas Aragonezes.....	<i>Sr. Francisco Regoli.</i>
STULBO, companheiro de Gualter.....	<i>Sr. Carlos Crosa.</i>
GOFFREDO n'outro tempo tutor de Gualter, agora Solitario.....	<i>Sr. V. N. Davide.</i>
ADELLA, Dama d'Imogene.....	<i>Sr.^a C. del Mastro.</i>

Coro e Comparsas — Pescadores de ambos os sexos — Piratas — Cavalheiros Damas.

A Scena é na Sicilia no Castello de Caldora e suas visinhanças. A Acção é do Seculo XIII.

Poesia de Felice Romani.

Musica de Bellini.



ATTO I.

SCENA I.

Spiaggia di mare in vicinanza di Caldora.
Sul dinanzi della Scena. si vede un anti-
co Monastero, ricetto di un Solitario.

*All'alzar del sipario è già cominciata una
orrenda tempesta. Vedesi una nave in
gran pericolo, sbattuta qua e là dai venti
e dai flutti. La riva e gli scogli sono pie-
ni di Pescatori che si sforzano di soccor-
rere i miseri, vicini a naufragare. Il
Solitario li incoraggisce. A poco a poco
tutto il luogo si copre di popolo. La tem-
pesta è al suo colmo.*

DONNE Ciel! qual procella orribile
Terra sconvolge e mar!
I miseri a salvar
Vana è ogni cura.

SOL. Non disperate, o figli,
Non son perduti ancor;



ACTO I.

SCENA I.

Praça de mar na vizinhança de Caldora
 No fundo da Scena se vê um antigo mos-
 teiro asylo de um Solitario.

*Ao levantar do panno já tem começado uma
 horrenda tempestade. Vê-se um navio em
 grande perigo, em combate com os ven-
 tos, e as ondas. As praias, e os roche-
 dos estão cheios de pescadores que se es-
 forçam para socorrer os infelizes proxi-
 mos a naufragar. O Solitario os anima.
 Pouco a pouco todo o lugar se cobre de
 povo. A tempestade está no seu auge.*

MULHERES. Oh Ceos! que tempestade
 Revolve a terra, e o mar!
 Os miseros salvar
 E' vão cuidado.

SEL. Ah! não deveis, ó filhos,
 Assim desesperar,

V'ha un Nume protettor
Della sventura.

UOMINI. Urta la nave (*dagli scogli*)

DONNE. Ahi! miseri!

UOMINI. Pere ciascun

DONNE. Che orror!

SOL. Lassi! preghiam per lor.

TUTTI. Preghimo, amici.

Nume, che imperi ai turbini,

Che affreni i venti e il mar,

Deh! non abbandonar

Quegli infelici,

UOM. Lo schifo, lo schifo—Coraggio!

costanza!

Al vento resiste s'innol-

tra si avanza

Evita gli scogli contras-

ta coll'onde

Si appressa alle sponde

più riseo non v'ha.

SOL. Al Nume clemente

Sien grazie rendute.

DONNE. Di loro salute

Di tanta bontá.

Tutti.

Notizia del caso

Si rechi a Caldora.

Accorra al riparo

Ha um nume tutelar
Do malfadado.

HOM. Toca o navio... (*dos rochedos.*)

MULH. Ah miseros!

HOM. Ah! morrem...

MULH. Céu! que horror!

SOL. O Excelso com fervor...

TODOS. Seja implorado.

Tu que no mar procellas,
Sabes, Nume, conter
Não queiras, não perder
Os infelizes.

HOM. Avista-se a lancha — Coragem!
constancia!

Ao vento resiste — A praia já alcança,

Das rochas se afasta — co' as ondas
contrasta

Ella ahi vem já — já risco não ha.

SOL. Ao Deos de piedade

Devemos louvor,

MULH. Por tanta bondade,

Por tanto favor.

TODOS.

Do caso a noticia

Se leve a Caldora

Acuda propicia

La nobil Signora
 Ospizio, conforto
 Nel proprio castello
 Ai lassi stranieri
 Cortese dará.
 Un giorno felice
 Estima sol quello
 Che puote dar prova
 Di nova pietá.

S C E N A II.

I Cori partono frettolosi; intanto vengono dalle rive i Naufraghi salvati dai Pescatori. Gualtiero sostenuto da Itulbo è in mezzo a loro. Il Solitario accorre ad essi con sommo interessamento.

GUAL. Io vivo ancor! A me nemici io
 trovo

Fin gli elementi

SOL. (Oh ciel! qual voce?)

ITUL. (Ah! taci;
 Frenati per pietá.... Tradir
 ti vuoi?)

GUAL. In qual lido giungemmo? Ove
 siamo noi?

SOL. (Ah! é desso!) In seno amico,

A nobre Senhora.
 Sensível, contente,
 No proprio Castello,
 Ao bando gemente
 Hospicio dará.
 Dia que em desvelo
 Piedoso empregar,
 Não ha mais ditoso
 Para ella gozar.

SCENA II.

*Os Coros partem apressados : no emtanto
 chegam da praia os naufragos salvados pe-
 los pescadores. Gualter sustido por Itulbo
 está no meio delles. O Solitario corre a
 elles com summo interesse*

GUAL. Eu vivo ! a mim os proprios ele-
 mentos

Sam contrarios.

SOL. (Oh Ceo ! que voz ?)

ITUL. (Calla-te,)

Não falles por quem és . . .

queres trahir-te ?

GUAL. Que praia nos salvou ? Aonde
 estamos ?

SOL. (E'elle !) A um peito amigo

Sventurato , sei tu.

GUAL. Quai detti !

ITU L. (Io tremo.)

SOL. Ah ! Gualtiero !

GUAL. Goffredo !

SOL. Al sen ti premo.

GUAL. Oh ! mio secondo padre ,
Mio saggio istitutor , tu in ques-
te spoglie ?

In sí povero tetto ?

SOL. Ah ! te perduto ,
Ogni bene io perdei Qui
tristo e solo

Apianger vivo la tua morta fa-
ma,

La tua vergogna , e la tua casa
in fondo

E tu ?

GUAL. Di mia vendetta ho pieno il
mondo

Ma indarno. Il vile Ernesto ,
Il mio persecutor , vive ed esulta
Dell'ingiusto mio bando e di
mie pene

Ma di' Che fa Imogene ?

Mi é fida ancora ? E d'ogni nodo è
sciolta ?

SOL. Lasso ! e pur pensi ?

Encosta-te, infeliz.

GUAL. Que voz!
 ITUL. (Eu tremo.)

SOL. Ah! Gualter!
 ITUL. Ah! Goffredo!

SOL. Uno-te ao peito.

GUAL. Oh meu segundo pai,
 Meu sabio instituidor, tu
 nestas praias?

SOL. Em tão misero estado?
 Ah tu perdido,

Todo o bem eu perdi, sozinho e triste,

Aqui vivo a chorar tua morta fama,

A tua vergonha, e a tua casa extincta,

E tu?

GUAL. Busquei vingança em todo
 o mundo

Em vão. O vil Ernesto,
 O men perseguidor exulta, e vive;
 Do meu desterro folga, e dos meus
 males...

Ah! que faz Imogene?
 Ainda é a mim constante? ainda
 é livre?

SOL. Misero! e pensas?...

GUAL. A lei soltanto Ascolta.
 Nel furor delle tempeste ,
 Nelle stragi del Pirata ,
 Quell' immagine adorata ,
 Si presenta al mio pensier ,
 Come un Angelo celeste ,
 Di virtude consiglier.

Piango allora in mezzo all'ira ,
 Pace ai vinti allor concedo ,
 E ornato ancor mi credo
 Capitano e cavalier
 Se Imogene non m'inspira
 Sono un mostro un masnadier

SOL. Infelice ! ed or che spera ?

GUAL. Nulla io spero . . Ed amo e peho.
 Ma l'orror de' miei pensieri
 Questo amor disgiombra al-
 meno ,
 Egli é un raggio che risplende
 Nelle tenebre del cor.

La mia vita omai dipende
 Da Imogene , dall'amor.

SCENA III.

Pescatori che ritornano , e detti.

Coro: Del disastro di questi infelici
 Per noi conscia la nobil Signora ,

GUAL. Nella sò . . . Escuta :

Na mais negra tempestade,
 Nos estragos de um pirata,
 Desse encanto, essa deidade,
 Vejo a imagem fiel, exacta,
 Como um anjo de piedade
 Que me vem aconselhar.

Mesmo irado então eu choro,
 Paz concedo, humano então,
 Gozo o antigo meu decoro
 Cavalheiro, e Capitão . . .
 Se Imogene não adoro
 Eu sou môstro, sem razão.

SOL. Infeliz ! e ora que esperas ?

GUAL. Nada espero, eu amo e peno ;
 Mas a um cumulô de males,
 Neste amor eu acho tregua ;
 E' um encanto que socega
 Da minh' alma o tetro horror.
 Minha vlda só depende
 De Imogene, só de amor.

SCENA III.

Pescadores que voltam, e Ditos.

CORO. Do desastre dos miseros sciente,
 Vem sensivel a nobre Senhora,

Ella stessa ne vien da Caldora
 Le pietoso tue cure a partir.

SOL. (Oh! periglio!) Ti affretta a se-
 guirmi.

Sei perduto, se a lei non t'ascondi.

GUAL. Si mutato chi mai può scoprirmi?

SOL. Ella al certo,

GUAL. Chi é dessa? rispondi.

SOL. Deh! nol chiedere.

GUAL. . . . Come? che dici?

SOL. Ti fia noto: or ti é d'uopò fuggir.

Sol. e Ital.

Vieni, fuggi. . . . ti ta fei fra ne-
 mici.

GUAL. Né poss'io disfidarli e morir!

Per te di vane lagrime

Mi nutro ancor, mio bene!

Speranza mi fa vivere

Di possèderti ancor.

Se questo avèssi a perdere

Conforto in tante pene,

Ah! non potrei più reggere,

Vorrei la morte allor.

SOL. E IT.

(Deh! taci, incauto, e frenati;

Non dar di te sospetto:

Mill'occhi in te s'affissano,

Ti svela il tuo furor.)

Do teu zelo, deixando Caldora,
O piedoso fervor partilhar.

SOL. (Oh perigo!) depressa acom-
panha-me
'Stas perdido se já não te occultas.

GUAL. Disfarçado ninguem me conhece,

SOL. Ella pode...

GUAL. Quem? ella! responde.

SOL. Ah! não peças....

GUAL. Prosegue, que dizes?

SOL. Direi tudo, mas foge, é preciso.

SOL. E ITUL.

De inimigos estás circumdado.

GUAL. De vencer, ou morrer me
é vedado!

Por ti de inutil pranto,
Meu bem, só me alimento,
Vivo, co' o pensamento
Que minha inda serás.

Oppresso, afflicto tanto,
Só tenho este conforto,
Se o perco, então 'stou morto
Succumbo ao meu soffrer.

SOL. E IT. Ah! cala-te, cuidado!

Não dês que suspeitar,
E's nimio observado,
Incauto é o teu furor.

Coro in | Donde sí cupi gemiti ?
 dispate. | Perché sí tristo aspetto ?
 | Quella che tanto l'agita
 | E'smania , e non dolor. (II
 Solitario conduce Gualtiero
 nella sua abitazione. Indi
 ritorna ad Itulbo.)

SCENA IV.

Imogene , Adele , Damigelle e detti.
Tutti le vanno ineontro.

IMOG. Sorgete: é in me dover quella
 pietade
 Che al soccorso m'invia degli stra-
 nieri
 Che qui tragge a posar caso o
 tempesta :
 Antica legge di Caldora ê questa.
 Chi siete , o sventurati ?
 Donde scioglieste ?

ITUL. La regal Messina
 Lasciammo ieri ; ed a Palermo
 vólte
 Eran le nostre vele.

IMOG. A Palermo ! Ah ! solcaste um mar
 crudele.

CORO. A PARTE Porque tantos gemi-
dos

Com tão medonho aspecto, ?

Sam esses alaridos

Insania, mais que dôr.

(O Solitario conduz Gualter á sua habita-
ção depois volta a Itulbo.)

SCENA IV.

Imogene, Adele, Damas e Ditos.

Todos lhe vam ao encontro.

IMO. E iguei-vos é dever essa pie-
dade

Que soccorrer me faz os estran-
geiros,

Que o acaso, ou tormenta aqui
conduz,

Sempre em Caldora antiga lei foi esta

Quem sois, ó infelizes ?

E donde vindes ?

ITUL. A real Messina

Hontem deixamos, e a Palermo as
velas

Traziamos voltadas.

IMO. A Palermo ! A ! sulcastes
um mar cruel,

Campo d'orribil guerra ,
O stranieri , é quel mar.

ITUL. (Cielo!)

IMOG. Vi occorse

Di quei Pirata alcun ?

ITUL. Essi fur vinti ,

Spersi . . . distrutti . . .

IMAG. E il Duce lor ?

ITUL. Il Duce ? . . .

(Qual mai richiesta ?) E' forse in
ceppi , o spento.

IMOF. Spento !! . . .

ADE. (Ah ! che fai ! ti frena.)

(*ad Imogene*)

IMOG. (Oh mio spavento!)

(*ad un cenno d' Adele i Pirati
si discostano ; Imogene prende
Adele in disparte.*)

Lo sognai ferito , esangue ,

In deserta , ignuda riva . . .

Tutta intrisa del suo sangue ,

De' miei gridi il ciel feriva . . .

Né una voce rispondea ;

L'aura intessa , il mar tacea .

Era sorda la natura

Al mio pianto , al mio dolor.

ADE. Deh ! cessa , scacciar procura

Queste imagini d'orror.

Campo d'horriavel guerra
E'hoje aquelle mar.

ITUL. (Ceos!

IMO. Encontrastes)

Alguns desses piratas?

ITUL. Elles foram

Por nós vencidos.

IMO. E o seu chefe?

ITUL. O chefe?

(Que pergunta? ou morreo, ou
jaz em ferros)

IMO. Morreo!

ADE. (Que fazes? calla-te.)

(a Imogene)

IMO. (Oh espanto!)

(A un sinal de Ade. os Piratas se sepa-
ram. Imo. toma Ade. a parte.)

Sonhei que o vi ferido

Em uma praia exangue

Eu banhada no meu sangue,

Com meus ais o Ceo feria.

Voz alguma respondia.

Mar o Ceo ficava mudo.

Té a nutura, os hemens, tudo,

Era surdo á minha dor.

ADE. Ah! socega, de ti affasta

Taes imagens de terror

CORO. Ella geme, ignota cura
L'infelice affligge ognor.

IMO. Ah m'ascolta! senti ancor.

Quando a un tratto il mio consorte.

Mi s'affaccia irato e bieco:

Io, mi disse, il trassi a morte,

E mi afferra, e tragge seco.

Muta, oppressa sbigottita,

Lunge, lunge io son rapita,

E mi seguita sui venti

Un sospir di lui che muor.

Questo sogno fu avverato,

Quel sospiro io sento ancor.

CORO. Cielo! ah geme l'infelice!

L'infelice pena ognor.

ADELE. Vane larve! deh! par cessa

Deh! ti calma.

GUAL.

Cielo! é dessa.

(Si presenta dall'abitazione del Solitario ;

... ma questa lo astringe a rientrare.

IMO. O Dio! che intendo?

Qual mai gemito suonó?

ITUL. Egli é un naufrago dolente! ..

Egro, misero, demente...

Cui fortuna e il mar crudele

D'ogni bene dispoglió.

IMOG. Si soccorra... (Oh cara Adele!

Qual tumulto in me destó!)

CORO. Nella agita-se e contrasta.
Afflicção, perenne dor.

IMO. Ah! suspende, escuta, ainda.

Quando irado de repente

A mim surde, o meu consorte,

Eu, me diz, eu dei-lhe a morte

E me agarra asperamente.

Muda, oppressa, e atterrada

Longe, longe eu sou arrastada,

E comigo leva o ar

O suspiro seu final.

Foi o sonho verdadeiro,

O suspiro eu sinto em mim;

CORO. Oh infeliz, desventurada!

Sempre assim é consternada

ADE. E' visão, é sombra aquella

Ah socega!

GUAL. Ceos! é ella!

*(Comparece da habitação do Solitario)
mas este o obriga a tornar a entrar.)*

IMO. Justo Ceo! que tenho ouvido?

Que expressão! eh qual gemido!

ITUL. Elle é naufrago gemente

Fraco, misero, demente,

A quem juntos sorte, e mar

Se esforçaram desgraçar.

IMO. Ah soccorra-se (oh Adella!

Qual tumulto em mim causou?)

Sventurata, anch'io deliro,
Tutta assorta in vano affetto:
lo ti vedo in ogni oggetto,
O tormento del mio cor.
(Ah sarai, finch'io respiro,
Al pensiero, al cor presente:
Ah! cagione eternamente
Tu sarai del mio dolor.

SOL. Al castel tranquilla riedi,
CORC. Gli stranieri aita avranno.

ADE. Tu lo vedi: il loro affanno
Troppo affligge il tuo bel cor.
(*Imogene parte col seguito*)

SCENA V.

Loggia nel Castello di Caldora che mette
ai giardini.

(E' notte.)

*Entrano i Pirati berendo e abbandonansi
alla disordinata loro gioja Sopraggiunge
quindi Itulbo a frenarli.*

PIRATI. Viva! . . . viva! Chi risponde?
Ripetiamo . . . Viva! viva! . . .
(*porgono l'orechio: l'eco ripete
gli evviva*)

(Infeliz! ah! que eu debro,

Toda absorta em louco affecto

.... Eu te vejo em todo o objecto,

Dos meus males causador.

Até o ultimo respiro

Tu serás a mim presente,

Ah! motivo eternamente

Tu serás da minha dor.)

SOL. | Ah! retira-te, alliviados

CORO | Serão logo os estrangeiros,

| Tu bem vês que teus cuidados

(Nimia causam-te afflicção.

(Imogene parte com o sequito.)

SCENA V.

Portico no Castello de Caldora que conduz aos jardins.

(E' noite.)

Entram os Piratas bebendo, e entregando-se á sua desordenada alegria. Chega depois Itulbo a contellos.

PIRATAS.. Sõe de vivas ledó accento.

Viva, em rodá se ha de ouvir.

(Applicam o ouvido, e o Echo repete os vivas.)

Egli è il vento . . . il suon dell'
onde

Che si fragon sulla riva

Alla gioja de Pirati

Prende parte e terra e mar.

Zitto , zitto , sconsigliati ,

Non ci stiamo a palesar.

Ascoltatealcun s'apressa.

Egli é Itulbo (a) Prendi, senti
(a) (*vanno incontro a lui, e gli
offrono da bere*)

ITUL. Si avvicina là Duchessa ;

Separatevi , imprudenti.

CORO. (*La Duchessa !*)

ITUL. Guai se viene

Chi noi siamo a sospettar !

CORO. Guai , si , guai ! tacer conviene :

Bever tosto , e lungi andar.

Versa . . . tocca . . . presto . . . presto . . .

ITUL. Piano amici . . .

CORO. Un solo evviva.

Chi risponde ? . . . Il vento é questo . . .

L'onda infranta in sulla riva . . .

Alla gioja de' Pirati

Prende parte e terra e mar.

ITUL. Sconsigliati !

CORN. Allegri , allegri !

La bottiglia ci rintegri

Ondas sam que leva o vento,

Que na praia vem frangir,

Dos Piratas o contento

Terra e mar vem repartir.

Ah silencio ! que é imprudente

De nos dar a conhecer.

Escutai : vem vindo gente

Não é nada , é Itulbo bebe

(vam ao seu encontro e offere-

cem lhe de beber.

ITUL. Approxima-se a Duqueza ,

Separai-vos , imprudentes

CORO. A Duqueza !

ITUL. Se ella chega

Quem nós somos a saber ! . . .

CORO. Mal de nós ! convem callar.

Ah ! de pressa toca a andar.

Deita ; deita vamos vamos :

ITUL. De vagar.

CORO. Ainda um viva.

Quem responde ? é este o vento ,

Que na praia vem frangir

Dos Piratas o contento

Terra e mar vem repartir,

ITUL. Loucos !

CORO. Nada : bebe alegre !

A garafa nos reïntregre

Di cotanto faticar. (si ritirano, e a poco a poco le loro voci si perdono in lontananza.)

SCENA VI.

IMOGENE E ADELE.

IMOG. Ebben? (incontrandola)

ADE. Verrá. Lungi da'suoi, sepolto
In profondi pensier, io lo rinvenni,
E il tuo desir gli esposi.

IMOG. Ed ei ti disse?

ADD. Nulla. In me gli occhi affisse
Muto, perplessso; indi sull'orme
mie

Mosse tacito sempre e a passo lento

IMOG. Vanne, e veglia qui presso ad
ogni evento. (Adele parte.)

SCENA VII.

IMOGENE, indi GOALTIERO.

IMOG. Perche cotanta io prendo
D'uno stranier pietá? Mesto sul
cuore

De tamanho fadigar
*(retiram-se e a pouco e pouco
 suas vozes se perdem ao longe.)*

SCENA VI.

IMOGENE, E ADELLA.

IMO. Então?

ADE. Virá. Longe dos seus, sepulto
 Em profundas idéas encontrei-o,
 E lhe expuz teu desejo,

IMO. E que te disse?

ADE. Nada. Fitou-me os olhos
 Mudo, perplexo, e depois meu
 trilho

Seguiu tacito sempre a passo
 lento.

IMO. Vai, e acautela algum fortuito
 evento. *(Ade. parte.)*

SCENA VII.

IMOGENE, depois GUALTER.

IMO. Porque tomo tão grande
 D'um estranho piedade? im-
 pressos n'alma

Tuttor mi suona il gemer suo dolente. —

Eccolo. — Oh! come io tremo a lui presente!

GUAL. *(giunge in fondo al teatro a passi lenti, e resta avvolto nel suo mantello senza guardare Imogene.)*

IMOG. Stranier... la tua tristezza,
Nella gioja de' tuoi, prova mi è certa
Che a te fortuna fu più cruda assai...

Parla... Ti avrebbe mai Tutto rapito il mar? Poss'io con l'oro?...

GUAL. Nulla... Il Mondo per me non ha tesoro.

IMOG. Intendo... Hai tu nell' onde Perduto forse un adorato oggetto,

Un congiunto, un amico!... Ah! non poss'io

Consolarti, o stranier... Io stessa, io stessa

Inconsolabil vivo.

GUAL. E' ver, d'ogni conforto il Ciel m'ha privo.

Hei sempre seus gemidos lasti-
mosos

Ei-lo.. Oh como em sua presença
eu tremo!

GUAL. *(chega ao fundo do theatro lentamente, e fica embrulhado no seu manto sem olhar para Imogene.)*

IMO. 'Strangeiro... a tua tristeza
Na alegria dos teus prova me é
certa
Que assaz contigo foi cruel a
sorte.

Falla... O mar por ventura
Tudo te arrebatou? posso com
o ouro?.....

GUAL. Nada. O mundo para mim não
tem thesouros.

IMO. Entendo. Has tu nas ondas
Talvez perdido um adorado ob-
jecto,

Um parente, um amigo! Ah!
eu não posso,

Consolar-te, estrangeiro... eu
mesma

Inconsolavel vivo.

GUAL. Sim, de conforto o Céu me tem
privado,

- Sono orrendi i miei mali . . .
- IMOG. Eppur sollievo
Sperar puoi tu di tua famiglia
in seno ,
Nel patrio suol . . .
- GUAL. Io ! . . . son deserto in terra :
Famiglia e patria empio destin
mi ha tolto.
- IMOG. (Si accresce il mio terror se più
l'ascolto.)
Poichè d'alcuna aita
Giovarti non mi lice , addio . . .
Se un giorno
Fia che ti tragga degli altari al
piede
Il tuo dolor, prega per me che
sono
Più dite sventurata. (*per partire.*)
- GUAL. (*appressandosi*) Odimi . . . arresta . . .
Invan ricusi . . . a me fuggir non
puoi.
- IMOG. Fuggirti non poss'io ? . . . Chi sei ?
che vuoi ?
- GUAL. Ch'io parli ancor ? Voce suonava
un giorno
Che ognun potea scordar senza
delitto ,
Fuor che tu sola

Sam horrendos meus males...
 IMO. Mas allivio
 Poderás esperar de tua familia

No patrio solo...

GUAL. Eu! deserto no orbe,
 Familia e patria me roubou o des-
 tino.

IMO. (Augmenta o meu terror se mais o
 escuto.)

Pois que ao teu mal socorro
 Não me é licito dar, adeos...
 se um dia

Tua dor te levar ao pé das aras
 Ora por mim que sou
 Mais que tu desditosa (*quer*
partir.)

GUAL. (*Chegando-se*) Ouve me...
 espera...
 Em vão recusas... já fugir
 não podes.

IMO. Eu não posso fugir? quem
 és? que queres?

GUAL. Fallar preciso? Voz se ou-
 vio outr'ora

Que por outrem desprezo me-
 recesse

Excepto por ti só...

IMOG. Oh! chi sei tu? favella...
 Rispondi per pietà!...

GUAL. Può la sventura
 Mutar di travagliato esule il
 volto
 Ad ogni sguardo, non a quel
 d'amante
 Nel di cui seno è impresso.
(si scopre.)

IMOG. Giusto Cielo!...

GUAL. Ah! Imogene!

IMOG. E' desso, è desso.
(si abbandona tremante nelle sue braccia, indi se ne allontana sbigottita.)

Tu, sciagurato' Ah! fuggi...
 Questa d'Ernesto è Corte.

GUAL. Lo so... Ma tu distruggi
 Dubbio peggior di morte.
 Qui dove impera Ernesto
 Come sei tu? perchè?

IMOG. Nodo fatal, funesto,
 A me l'unisce...

GUAL. A te!!

No, non é ver: nol credo...
 No, non mi fosti tolta.

IMOG. Misera me!

GUAL. Che vedo?

IMO. Falla! quem és?...
 Responde por piedade!...

GUAL. A desventura
 Pode o rosto mudar em duro
 exilio,
 Tambem o olhar, mas não p'ara a
 amante
 Que impresso o tem no peito.
 (descobre-se)

IMO. Justo Ceo!

GUAL. Imogene!

IMO. E' elle! é elle!

(*Cahe tremendo em seus braços.
 depois retira-se assustada..*)

Tu! desgraçado! Ah! foge...

Esta d'Ernesto é a côrte.

GUAL. Bem sei... Mas tu destroes

Duvida peor que a morte.

Aonde impera Ernesto

Como estás tu? porque?

IMO. Laço fatal funesto

A mim o prende....

GUAL. A ti!!

E' falso, não o creio....

Roubada a mim não fos-

te

IMC. Quanto infeliz!

GUAL. Que vejo!

Piangi ! Oh ! furor !
IMOG. Mi ascolta.
 Il genitor cadente ,
 In ria prigion languente,
 Peria , se al Duca unirmi
 Io ricusava ancor.

GUAL. Empia ! ... cosi tradirmi ! ...

IMOG. Périva il genitor.

A 2.

GUAL. Pietosa al padre ! e meco
 Eri si cruda intanto !
 Ed io deluso e cieco
 Vivea per te soltanto !
 Mille soffria tormenti ,
 L'onde sfidava , i venti ,
 Sol per vederti in seno
 Del mio persecutor !
 Perfida ! hai colmo appieno
 De'mali miei l'orror.

IMOG. Ah ! tu d'un padre antico ,
 Tu non tremasti accanto :
 Scudo al pugnol nemico
 Ei non avea che il pianto ...
 I lunghi suoi tormenti
 Non furo a te presenti ,
 Non lo vedesti pieno
 D'affanno e di sqnallor ...

Choras ? oh raiva !

IMO. Escuta :

Ah ! se ainda retardava

O laço recusado

De ferros carregado

Morria meu genitor.

a 2.

GUAL. Piedosa ao pai ! comigo

Barbara foste assim !

Quando, leal contigo,

Eu só vivia por ti.

Mil eu soffria tormentos,

Ludibrio ao mar, aos

ventos,

Para te ver nos braços

Do meu perseguidor

Perfida completaste

Dos males meus o horror.

IMO. De um pai caduco ao lado,

Tu não tremias então ,

Elle era só escudado

Do pranto e da afflicção.

Era do seu tormento

Livre teu pensamento,

Como eu não contempleste

Seu rosto já sem cor.

Non maledirmi almeno ;
 Ti basti il mio dolor.
 Alcuu s'appressa ..! Ah lascia-
 mi ,

Guai se tu fossi udito !
 GUAL. Or che tu m'hai tradito ,
 Nessun tremar mi fa. (*escono le
 Damigelle di Imogene col fi-
 glio suo. Essa lo vede , e grida atterrita*)

IMOG. A!! figlio mio!

GUAL. (*percosso*) Che ascolto ?
 Scostati ... (*afferra il fanciul-
 lo , e ne allontana Imogene*)

IMOG. (*spaventata*) Oh ! Ciel !

GUAL. (*contemplandolo fremente*) Qual
 volto !

Figlio é d'Ernesto .. (*la sua ma-
 no si arresta sul pugnale*)

IMOG. Ah ! é mio ...

E' figlio mio ... pietá. (*al grido
 d'Imogene Gualtiero si arresta
 perplesso ; indi commosso le res-
 tituisce il figlio*)

GUAL. Bagnato dalle lagrime
 D'un cor per te straziato ,
 Lo rendo alle tue braccia ,
 Lo dono al tuo dolor,
 Ti resti per memoria

Ah! não me amaldiçoas

Ah! cede á minha dôr.

Mas chega alguém ah!

deixa-me

Se te ouvem 'stás perdido.!

GUAL. Depois que me has trahido.

Ninguem me faz trêmer.

(*Sahem as Damas d' Imogene com o seu filho, Ella o vê e grita atterrada.*)

IMO. Ah! filho meu!

GUAL. (*agitado*) Que escuto ?

Separa-te. (lança a mão ao menino e affasta Imogene.)

IMO. (*horrorisada.*) Oh Ceo!

GUAL. Que rosto!

D' Ernesto é filho . . . (*descança a mão sobre o punhal.*)

IMO. Ah! é meu!

(*Ao grito d' Imogene fica Gualter perplexo ; depois commovido lhe restitue o filho.*)

GUAL. Banhado pelas lagrimas

De um peito que has ras-

gado

O entrego ao teu cuidado,

A' tua pungente dôr.

Conserva-o em memoria

D'un nodo sciagurato;
 Eterno sia rimprovero
 Del mio tradito amor.

IMOG, Non é la tua bell'anima,
 Non é, Gualter, cambiata...
 In queste dolci lagrime
 Io la ritrovo ancor.

Deh! fa che pegno scorrano
 Ch'io moro perdonata...
 Sian dono amaro ed ultimo
 D'un infelice amor. (*Gualtiero
 si scioglie da lei, e rapida-
 mente si allontana*)

SCENA VIII.

Imogene e Damigelle, indi Adele.

IMOG. Grazie pietoso Ciel, grazie ti rende
 Il materno mio cor. (*abbraccia il
 fanciullo, indi lo rende alle Da-
 migelle*)

Ite... vegliate
 Sull'innocente, e non ardisca al-
 cuna,

Se pur cara le sono,
 Rammentar quel che vide. (*le Da-
 migelle partono col fanciullo:
 odesi musica guerriera*)

De perfido hymeneo,
 Para remorso teu
 Do meu trahido amor.

Imo. Ainda a tua alma nobre

Fulgir eu vejo em ti,
 O pranto teu descobre
 Gualter que conheci.

Ao pranto teu concede,

Que eu morra perdoada,

A graça extrema pede

Um desgraçado amor.

(Gualter se desprende, e rapidamente se
 ausenta.)

(Gualter)

SCENA VIII.

Imogene e Damas, depois Adella.

Imo. Graças, piedoso Ceo, graças
 te offerta

Meu peito maternal. (abraça
 o menino, e entrega-o ás Damas.)

Ide, velai

Sobre o innocente, e não se atreva

alguma

Se a caso lhe sou cara,

A fallar no que vio . . . (As La-
 mas partem com o menino : ouve-se musi-
 ca guerreira.)

Ahime, qual suono ?
Che rechi, Adele?

ADE. Inaspettato arriva
Il Duca vincitor.

IMOG. Egli! . . . Gran Dio !
In qual momento ei giunge l

AEG- Il popol vola
Incontro al suo Signor, e di festiva
E lieta pompa già Caldora splende
Vieni: te sola attende
Il nobile corteggio.

IMOG. Andiamo. Ah! questo
D'ogni fiero mio caso é il più funes-
to, (partono)

SCENA IX.

Esterno del Palazzo di Caldora, illumina-
to.

Marcia militare: applauso de' Cavalieri:
indi Ernesto.

Coro di Guerrieri.
Più temuto, più splendido nome
Del possente Signor di Caldora
Non intese Sicilia finora
Della fama sui vanni volar.
La fortuna gli porse le chiome,

Que som é aquelle ?

Que é isto Adella ?

Inesperado chega

AD. O Duque vencedor.

IMO. Elle !, .. oh meu Déus !

Em que momento chega !

ADE. O povo vòo

A encontrár seu senhor, ah! de

festiva

Alegre pompa já Caldora exulta,

Vem : por ti só espera

O luzido cortejo.

IMO. Vamos : Este

E' para mim o caso mais funesto.

(*partem.*)

SCENA IX.

Exterior do Palácio de Caldora, illuminado. Marcha militar : applauso dos Cavalheiros : depois Ernesto.

Coro de Guerreiros.

Mais temido, e esplendido nome

Do que o deste senhor de Caldora,

Não ouviu a Sicilia até agora

Sobre as azas da fama voar.

A fortuna surriose-lhe sempre

La vittoria seguí le sue vele ;
 Sallo appieno il Pirata crudele
 Che la possa ne ardiva sfidar.
 In un giorno le squadre fur dome
 Che dell'onde usurpavan l'impero ;
 In un giorno fu vinto Gualtiero ,
 In un giorno fu libero il mar.
 Piu temuto . piu splendido nome
 Non si udí per Sicilia eccheggiar.

ERN. Si , vincemmo , e il pregio io sento
 Di si nobile vittoria ;
 Ma che vostra é la mia gloria ,

Cavalieri , io sento ancor.

Se divisi nel cimento
 Fur gli affanni e le fatiche ,
 Dividete in mura amiche
 La mia gioja , il mio splendor.

CORO. Come in guerra invitto e audace ,

Sei cortese e umano in pace ;
 La bontade nel tuo core
 Va del pari col valor.

ERN. Paventi il perfido
 Nemico altero ,
 Sarà la vittima
 Del mio furor.
 Della vendetta

A victoria lhe deo um laurel,
 Foi vencido o Pirata cruél,
 Que o poder. lhe tentava roubar.
 Foi n' um dia a esquadra domada
 Que do mar usurpava o poder,
 Foi n' um dia vencido Gualter,
 Em um dia liberto foi o mar.
 Mais temido e esplendido nome
 Não se ouvio por Sicilia echoar.

ERN. Sim, vencemos de alto preço
 E' p'ra nós esta victoria
 Mas que é vossa a minha
 gloria,
 Cavalheiros, bem conheço.
 Se comigo a par soffrestes
 Com denodo, com valor,
 Partilhar deveis comigo
 Minha dita, meu 'splendor.

CORO. Como em guerra invicto, au-
 daz.
 E's cortez e humano em paz;
 A bondade no teu peito
 Anda a par do teu valor.

ERN. Ah! trema o perfido
 Imigo altivo,
 Vai ser a victima
 Do meu furor.
 Tu da vingança

Dolce pensiero ,
 All'armi affretta
 Questo mio cor.
CORO. Della vendetta
 Dolce pensiero ,
 All'armi affretta
 Il nostro ardir.

SCENA X.

Imogene, Adele. Damigelle e Detti.

(Ernesto va incontro ad Imogene.)

ENR. Mi abbraccia , o donna Che
 vegg'io ! . . . , dimessa .

Afflitta tanto troveranno i prodi
 La consorte del Duce ? Al mio tri-
 onfo

Tal prendi parte ?

IMOG, Di vederti illeso
 Mi allegro io solo ; alto non lice
 ad egra

Languente donna , ed a qual pun-
 to il sai.

DOR, Tristo é il tuo stato ; e mi é palese
 assai.

Ma volto in meglio ei fia , che a te
 por mente

Doce lembrança,

'As armas chama

O meu valor.

CORO. Tu da vingança

Doce lembrança,

A's armas chama

Nosso valor.

SCENA X.

Imogene, Adella, Damas, e Ditos.

(Ernesto vai ao encontro de Imogene.)

ERN. Abraça-me, ó senhora . . .
mas que vejo?

Assim afflicta encontrarão os bravos

A consorte do Chefe? Em

meu triumpho

Tal parte tomas?

IMO. Ver-te illeso é tudo

Quanto pode alegrar-me, ou-
tro não cabe

'A minh'alma prazer, tu bem
o sabes

ERN. Sim, é triste teu estado; assaz
o entendo,

Mas alegre vai ser, que em ti
a idéa

Quindi io nê piu lasciarti io
spero.

Il traditor Gualtiero
Fugge sconfitto, né che piu risorga,
A nuova guerra , e ancor mi sfidi ,
io temo.

IMOG. (E s'ei giungesse ? Oh mio terrore
estremo !)

ERN. Ma di' : qual sei pietosa,
Desti a naufraghi asilo ?

IMOG. (Oh ! Ciel !)

ERN, Contezza
Dell'esser loro hai certa ?

IMOG, Agl'infelici
Dar pria soccorso , e interrogarli
Fu mio pensier.

ERN. A me dinanzi io quindi
Il Duce loro appello ,
Col Solitario che dal mar fremente
Li ricettò primeiro.
Eccoli.

Agora hei-de empregar . . .
nem mais te deixo.

Esse traidor Gualter
Desbaratado foge, e não receio
Que tente em nova guerra
apresentar-se

IMO. (E se elle chega? . . . oh meu
terror extremo!)

ERN. Mas dize, tu és piedosa
Que aos naufragos Valeste?

IMO. (Ó Ceo!)

ERN. Colheste

Delles noticia certa?

IMO Aos infelizes

Primeiro soccorrer, depois ou-
villos

Foi minha idéa.

ERN. Avir perante mim

Daqui seu chefe chamo

Co' o Solitario que do mar irado

O recebeo primeiro

Ei-los

SCENA XI.

SOLITARIO, GUALTIERO, ITULBO, PIRATI
e detti.

(Si fermano in fondo)

IMOG. (Aita, o Cielo!)

SOL. (*piano a Gualtiero*) (Ardir Gualtiero!)
(*si avvanza*)

Degli stranieri accolti

Nell'ospital tua terra, eccoti in-
nanzi,
Signore, il condottier.

ERN. A me si appressi,
E sincero risponda. (*Gualtiero
vorrebbe presentarsi ed è pre-
venuto da Itulbo.*)

ITUL. Eccomi.

IMOG. (Il suo disegno, o Ciel, seconda)
(*Gualtiero rimane confuso fra i
Pirati; Ernesto osserva attenta-
mente Itulbo.*)

ERN. All'accento, al manto, all'armi
Tu non sei di questi lidi.

GUAL. (Oh! furor! e ho da frenarmi?)

ITUL. In Liguria il giorno io vidi.

S C E N A XI.

SOLITARIO, GUALTER, ITULBO, PIRATAS,
e ditos.

(*Param no fundo.*)

IMO. Auxilio, ó Ceo!

SOL. (*baixo a Gual.*) (Gualter, coragem!)
[*adianta-se*]

Dos estrangeiros que soccorro
acharam

Na hospitaleira terra tua, o
chefe

Eis, senhor, te conduzo.

ERN. Aproxime-se
E sincero responda. (*Gualter
deseja approximar-se, mas é
prevenido por Itulbo.*)

ITUL. Aqui me tens, senhor.

IMO. (*Ceo! favorece-o.*)
(*Gualter fica confuso no meio
dos Piratas: Ernesto observa
attentamente Itulbo.*)

ERN. Pela voz, ao trage, ás armas
Destes sitios tu não és.

GUAL. [Oh furor! hei-de eu conter-me?]

ITUL. E' Liguria a minha patria.

- ERN. E tu sei?
- ITUL. Di quello Stato
Capitano avventurier.
- ERN. Quelle terre asilo han dato
A un fellone, al vil Gualtier.
- GUAL. (Vile!!)
- SOL. (Ah! taci, sconsigliato.)
- ITUL. Là si accoglie ogni stranier.
- ERN. Ma soccorso ei vi rinviene
Di navigli e di Corsari...
Mi è sospetto ognun che viene
Da quei lidi, da quei mari...
Finche meglio a me dimostro
Non è il nome e l'esser vostro,
In Caldora resterete
Rispettati prigioner.
- ITUL. (Prigionieri!)
- IMOG. (Ahimè!)
- SOL. (Ti frena.)
- ITUL. Cruda legge, o Duca, imponi.
Tu che sai la nostra pena,
[a Imog.]
Nobil donna, t'interponi.
- IMOG. Ah! signor... così inclemente
Non ti trovi amica gente.
Da fortuna afflitti, oppressi,
Infelici assai son essi;
Il ritorno ai patri lidi

ERN. E tu és?

ITUL. Daquelle estado
Capitão aventureiro.

ERN. Essas terras deram coito
A um malvado, ao vil Gualter.

GUAL. [Vil!!]

SOL. [Ah! cala-te, imprudente.]

ITUL. Dá-se ali asylo a todos.

ERN. Mas tambem foi encontrar
Gente ali, muito navio,
De qualquer eu desconfio,
Dessa terra, desse mar.

Em cautela, ó estrangeiros
Ficareis portanto agora,
Respeitados prisioneiros
Té informar-me, em Caldóra.

ITUL. [Prisioneiros!]

IMO. [Ah!]

SOL. [Contem-te.]

ITUL. [ao Duque] Lei cruel a nós se
impõe

[a Imo.] Tu que sabes nossa pena
Nobre dama te interpõe.

IMO. Ah! Senhor... tão inclemente
Não te encontre amiga gente
Vás com isto ao seu desar
Novo mal accrescentar,
A' sua patria deixa-os ir

Ai dolenti non negar.

GUAL. [Traditor!]

SOL. [Deh! taci!]

ERN. [*dopo aver pensato*] Il vuoi?
Partan dunque al nuovo albore.

ITUL. Generosa!... à piedi tuoi
Rendiam grazie del favor. [*tutt
i Pirati si prostano ad Imogene.
Gualtiero con essi.*]

GUAL. (Imogene!...un solo accento...)

IMOG. Sorgi.... oh Dio! non ti svelar,)

(*Itulbo e il Solitario si vo
gono ad Ernesto: egli parla sott
voce ai Cavalieri. Gualtiero sorg
fra i Pirati, e parla furtivamen
te a Imogene*)

Tutti.

GUAL. | (Parlarti ancor per poco,
Pria di partir, pretendo....
In solitario loco,
Qual più tu vuoi, t'attendo....
Se tu ricusi... trema...
Per te, per lui, pel figlio...
Notte per tutti estrema
Questa, o crudel, sarà.)

IMOG. < (Scostati... Oh! Dio! tel chiedo,
L'impongo a te piangendo...)

Não os queiras opprimir. .

GUAL. [Trahidor!]

SOL. [Ah! calla!]

ERN. [*depois de haver reflectido.*] O queres?
Na alvorada partam pois.

ITUL. Generosa!... a ti prostrados
Te expressamos gratidão.
[*todos os Piratas se prostram
a Imogene. Gualter com elles.*]

GUAL. [Imogene... um só accento...]

IMO. [Ergue-te... oh Deos!... tu te
perdes.

[*Itulbo, e o Solitario se voltam
para Ernesto; elle falla em
voz baixa aos Cavalheiros.
Gualter surde entre os Piratas,
e falla furtivamente a Imog.*]

Todos.

GUAL. a IMO. { Fallar-te ainda eu quero
Antes daqui partir;
Logar escolhe, espero
A tua audiencia ali.

{ Se recusares prompta,
Em ti Ernesto, e o filho
Vindicta desta afronta,
Meu ferro alcançará.)

IMO. { Afasta-te, to ordena
Quem pranto está vertendo

- L'ultimo mio congedo
Abbi in tal punto orrendo.
Non t'ostinar, ti prema
Del tuo mortal periglio . . .
Della mia pena estrema,
Del mio terror pietá.)
- ERN. Io volgo in cor sospetti
Ch'io stesso non comprendo ;
All'opre loro , ai detti
Giovi vegliar fingendo
- CAY. Queti esplorar ci prema
| Se approdi alcun naviglio :
| Se v'ha cagion Di tema
| L'acciar li preverrá.
- ITUL. E | Osserva Ah ! tutto ancora
SOL. | Il mio timor riprendo
| Lo sconigliato ignora
| Il suo periglio orrendo
| A questa prova estrema
- ADE. e | Reggiam con fermo ciglio :
DAM. | Si asconda altrui la tema
| Che palpar ci fa.
- GUAL. Ebben ; cominci , o barbaro (*si muove furibondo verso d'Ernesto*)
La mia vendetta.
- IMOG. (*con un grido*) Ah !..... io moro. (*si abbandona fra le braccia delle sue Damigelle*)

- A dolorosa scena
Terás do adeos horrendo.
Não teimes pode evento
Surdir por ti fatal,
Tem d'ò do meu tormento,
Do meu terror mortal.
- ERN. O que me turba a mente
Eu mesmo não entendo,
Dissimuladamente,
Irei tudo sabendo.
- CORO. Se algum navio aqui chega
Convem-nos explorar,
Se houver tratada ou entrega
A iremos castigar.
- ITUL. Observa ah! novo agora
TOL. Receio inda me invade,
Incauto! ah! elle ignora
Do p'rigo a gravidade.
- ADE. } Ultima prova é esta
E } De pena, e de valor,
DAMAS. } Occulte-se a funesta
} Extrema nossa dor.
- GUAL. Pois bem, comece, ó barbaro,
(*Vai furibundo contra Ernesto.*)
Minha vingança:.
- IMO. (*dando um grito.*) Eu morro!
(*abandona-se nos braços das suas*
Damas.)

ERN. (*volgendosi*) Che avvenne? (*acorrendo a lei*)

ITUL. E SOL. (*a Gual. allontanandolo*)
(Insano! scostati.)

GUAL. (Oh! qual furor divorò!)

ERN. D'onde si strano e subito
Dolore in lei! perchè?

DAM. Egra, languente, e debile
Più dell'usato forse,
Tal non dovea l'improvvida
Al ciel notturno esporse....

ERN. Alle sue stanze traggasi.

DAM. Vedi: ritorna in se....

*Imogene si scuote cerca sbi-
gottita Gualtiero . e veggendolo in
distanza fra i suoi, prorompe in
un grido.*

Tutti

AMOG. Ah! partiamo: i miei tormenti
Sian celati ad ogni sguardo.
'Tremo, avvampo .. gelo ed ardo...
Gonfio in sen mi scoppia il cor.

ERN. Imogene! | quali accenti!

CAV. Infelicee! |
Qual delirio in lei si desta?
Pena, ambascia non é questa,
Ma trasporto, ma furor.

GUAL. Raffrenar mie furie ardenti

ERN. (*voltando-se.*) Que sentiste?
(*correndo para ella.*)

ITUL. E SOL. (*a Gual. afastando-o.*)

Insensato! separa-te

GUAL. (Oh! qual furor divoro!)

ERN. Porque afflicção tão subita
Della se apoderou?

DAM. Enferma sem vigor
Aqui chegar, se vio,
E exposta ao cruel rigor
Da noite, succumbio.

ERN. Aos seus quartos se conduza.

DAM. Ah! repara: torna em si.

(*Imogene se move Busca espavorida com os olhos Gualter, e vendo-o em distancia entre os seus dá um grito.*)

Todos.

IMO. Ah partamos: com resguardo
Fique occulto o meu temor,
Tremo anceio, gelo, e ardo
Já tresborda a minha dôr.

ERN. Imogene!
CAV. Infeliz! (ah quaes accentos

Qual a invade cruel delirio?
Não é pena esse martyrio,
Mas transporte, mas furor.

GUAL. Tenta em vão minha razão

La ragione invan si attenda ;

All'acciar la man si avventa ,

Alla strage anela il cor.

ITUL. E Vieni , fuggi Omai cimenti

SOL. Colla tua la nostra vita

Deh ! risparmia la smarrita ;

Ella more di terror.

DAM. Ah ! signor , si strani accenti

Tu condona a donna oppressa.

(Per pietade di te stessa

Vieni ascondi il tuo dolor.

(Imogene è tratta altrove dalle sue

Damigelle. Gualtiero da Itulbo e

dal Solitario è strascinato fuori.

Ernesto , in mezzo ai suoi Cava-

lieri, rimane assorto in gravi pen-

sieri. Cala il sipario.)

FINE DELL' ATTO PRIMO.

Reprimir o meu furor,
 Vai ao ferro a minha mão,
 Busca estragos meu rancor.

ITUL. | Vem, ah! fuge... não arrisques
 E | Com a tua a nossa vida,
 SOL. | Poupa a misera abattida,
 | Ella morre de terror.

DAM Ah! senhor, estranho accento
 Tu perdoa á oppressa esposa....
 (Sê contigo mais piedosa,
 Vem, occulta a acerba dor.)

(Imogene é levada dalli pelas suas Damas. Gualter por Itulbo, e pelo Solitario é conduzido fora.)

Ernesto no meio dos seus Cavalheiros fica absorto em seus pensamentos.

(Cabe o panno.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



ATTO II.

SCENA I.

Sala che mette alle stanze d'Imogene.

Coro di Damigelle, indi Adele.

DAMIG. Che rechi tu? Non cessa
Ella dal pianto ancora?

ADE. Meno agitata e oppressa,
Sonno cercar sembrò.

Itene voi per ora;
Qui sola io veglierò.

TUTTE. Prolunghi il Ciel pietoso
Il breve suo riposo:
Pace per lei sia questa,
Che, desta — aver non può.

(le Damigelle si ritirano,)



ACTO II.

SCENA I.

Sala que conduz aos quartos de Imogene.

Coro de Damas, depois Adella.

DAM. Que trazes tu? não cessa
De lagrimas verter?

ADE. Menos afflicta, oppressa
Parece adormecer.

Parti por ora vós,
Sozinha vigiarei.

TODAS. Prolongue o Ceo piedoso
O breve seu repouso;
Goze nocturna paz,
Que a diurna lhe é fugaz.

SCENA II.

Loggia nel Castello di Caldora come nell' Atto Primo.

(L'alba è vicina.)

GUALTIERO ed ITULBO.

GUAL. Lasciami: forza umana
Non può mutar mia voglia.

ITUL. A morte esponi
Te stesso e i tuoi, se indugi
ancor, se fugge

L'ora prefissa dal feroce Ernesto

GUAL. Io nol pavento: alla vendetta io
resto.

Ella sarà tremenda,
Se ricusa Imogene udir l'estrema
Proposta mia... Non replicar.

Stian pronti

I nostri fidi al cenno: a caro
prezzo,

Se mi seconda Itulbo,
Vendrem le nostre vite a quel
superbo.

ITUL. La mia risposta io serbo
All' ora del cimento.

S-C E N A II.

*Airto no Castello de Caldora como no
Acto Primeiro.*

(Proximo ao romper d'alva.)

GUALTER e ITULBO.

GUAL. Deixa-me: força humana
Não me muda a vontade.

ITUL. A morte expões
Ati, e aos teus, se defferir pre-
tendes
A hora que marcou o bárbaro Er-
nesto.

GUAL. Eu não o temo, p'ra a vingança
fico,

Ella será tremenda,
Se Imogene recusa ouvir a extrema
Proposta minha... Não repliques.
Promptos

Ao meu acêno os nossos sejam,
caras,

Se me secunda Itulbo
Custarão nossas vidas ao soberbo.

ITUL. Terás minha resposta
No instante do perigo.

GUAL. Odo di passi
 Incerto calpestio.
 E'dessa, é dessa.... Omai ti
 scosta.

ITUL. Addio. (*parte.*)

SCENA III.

IMOGENE è GUALTIERO.

IMOG. Eccomi a te, Gualtiero,
 L'ultima volta a te... Sian brevi
 i detti,
 Poiché scoperto sei.
 Parla: che brami?

GUAL. Omai saper tel dei.
 Mi cerca Ernesto... Offrirmi
 A lui degg'io... Pronto é l'ac-
 ciar... lo vibro,
 Se non mi segui.

IMOG. Oh! che di'tu?

GUAL. Due navi
 Mi raggiunser de'miei... Pagnar
 poss'io;
 Pur vo'fuggir... T'ama il crudele;
 ei provi
 Di perderti l'affanno.

IMOG. Ah! no: giammai...

GUAL. Ouço de passos
Rumor approximar-se.
E' elle : é elle agora parte

ITUL. Adeós: (*parte.*)

SCENA III.

IMOGENE , E GUALTER.

IMO. Aqui me tens , Gualter ,
E por última vez...depressa falla,

Pois 'stas descoberto.

Falla, que queres ?

GUAL. Tu, saber já o deves.

Busca-me Ernesto . . . quero

Mostrar-me a elle.. . Prompto 'stá

o ferro ... e o vibro,

Se recusas seguir me

IMO. O Ceo !

GUAL. Chegaram.

Mais dois dos meus navios . . .

posso pugnar ;

Porem cumpre fugir . . . Se te ama

prove

A magoa de perder-te.

IMO. Ah ! não : jámais . . .

Son rea Gualtiero, ed infelice assai.
Parti.

GUAL. Non lo sperar. Il mio destino
Qui m'incatena: qui vendetta o
morte
Avrò fra poco.

IMOG. E speri tu?

GUAL. L'ignoro.

Altro non so, che di te privo io
moro. (*Imogene vorria rispondere
piange. Gualtiero è intenerito.*)

Vieni: cerchiam pe'mari
Al nostro duol conforto.
Per noi tranquillo un porto
L'ampio Oceáno avrà.

IMOG. Taci: rimorsi amari
Ci seguirian per l'onda:
Lido che a lor ci asconda
L'immenso mar non ha.

GUAL. Crudele! e vuoi?...

IMOG. Correggere

L'error di cui siam rei.

GUAL. E deggio dunque?

IMOG. Vivere,

E perdonar tu déi.

GUAL. Oh! legge amara e barbara!
Ma giusta Addío, Gualtier.

Assaz culpada sou, nimio infeliz.
Parte.

GUAL. De balde o esperas : Meu destino
Aqui me prende : aqui vingança,
ou morte
Cedo terei.

IMO. E esperas tu ?

GUAL. O ignoro.

Só sei que se te perco acabo e morro
(*Imogene quizera responder, e chora.*
Gualter se enternece.)

Vem, busquemos nos mares
A' nossa dôr conforto,
O oceano, amigo porto
A nós deparará.

IMO. Cala-te, que remorsos
Teriamos sobre a onda,
Sitio que nos esconda
Nô immenso mar não ha.

GUAL. Cruel! queres ?

IMO. Que deslumbres
O crime que comettes.

GUAL. E devo pois ?

IMO. Viver.

E perdoar tu deves.

GUAL. Oh! lei amarga, e barbara.

IMO. Mas justa... Adeos Gualter.

SCENA IV.

Ernesto in fondo alla Scena e detti.

ERN. (Gualtiero! E' desso)

GUAL. Ah! sentimi,

ERN. (Oh! gioia! é in mio poter.)

A 3

GUAL. Cedo al destino orribile
Che d'ogni ben mi priva;
Ma comandar ch'io viva,
Barbara, non puoi tu.

IMOG. Tutto é ad un cor possibile
Quando lo guida onore;
Del tuo destin maggiore
Ti renderá virtù.

ERN. (Empii! su voi terribile
Il mio furor già pende:
Piu spaventoso ei scende
Quanto frenato é piu.)

IMOG. Parti alfine: il tempo vola.

GAUL. Ah! un addio.

ERN. (*avanzandosi*) L'estremo ei sia.

IMOG. Cielo!

GUAL. (*arretrandosi*) Ernesto!

IMOG. (*ponendosi in mezzo*) Ah! va: t'invola.

ERN. Fuggi invano all'ira mia.

GUAL. Io fuggir! Furente, insano,

SCENA IV.

Ernesto no fundo da Scena e Ditos.

ERN. [Gualter!... E' elle!]

GUAL. Ah! ouve

ERN. [Oh Ceo! 'stá em meu poder!

a 3

GUAL. A' sorte eu cedo horrivel
Que do mór bem me priva ;
Mas decretar que eu viva,
Cruel , não podes tu.

IMO. Ah! nada ha de impossivel

A honroso pondonor :

Ao fado superior

Virtude te fará.

ERN. (Já meu furor terrivel

'Stá sobre vós suspenso ,

Será p'ra vós terrivel ,

Quanto opprimido , e intenso.)

IMO. Parte em fim : o tempo corre.

GUAL. Ah! um adeus !

ERN. (*appresentando-se*) Ultimo seja.

IMO. Ceo!

GUAL. (*recuando*) Ernesto

IMO. (*Pondo-se no meio.*) Ah! foge, vôa.

ERN. Em vão tu fugir-me intentas,

GUAL. Eu fugir! a mim presente,

Ti cercai due lustri in vano . . .
 Né la sete del tuo sangue
 Per due lustri in me scemó.

Esci meco.

ERN. Si, ti séguo.

IMOG. Ah! pietade!

ERN. E GUAL. Sangue io vo'

A 3

IMOG. Me ferite, me soltanto . . .

Ch'io perisca . . . io sola, io sola—

Ah dal Ciel, o Sol, t'invola,

Nega il giorno a tanto orror.

GUAL. Ti allontana . . . é vano il pianto . . .

ED ERN. Sangue io voglio, e fia versato.—

Sei pur giunto, o dí bramato,

Di vendetta e di furor. (*partono*)

(*Esce Adele colle sue Damigelle.*)

(*Imogene si getta nelle sue braccia*)

SCENA V.

Adele. Imogene e Damigelle.

ADE. Sventurata! fa core

Alle tue stanze riedi Ella non
 m'ode;

Pallida, fredda, muta, Oh! Ciel!
 rimovi

Meu furor te busca, e pede,
 Ah! do sangue teu a sede
 Por dois lustros conservei.

Sahe comigo

ERN. Sim, te sigo.

IMO. Ah! piedade.

ERN. E GUAL. Sangue eu quero.

a 3

IMO. Ah! feri a mim somente,
 Soffra eu só vosso furor;
 Eu te invoco, ó Ceo clemente,
 Nega o sol a tanto horror.

GUAL. Vai-te, foge, o pranto é inutil,

E Sangue eu quero derramado,

ERN. Dia de sangue é alfim chegado,
 De vingança e de furor.

(Partem. Sahe Adella com as suas Damas. Imogene se lança nos seus braços.)

SCENA V.

Adella, Imogene; e Damas.

ADE. Infeliz! recobra animo . . .
 Vem ao teu aposento . . . Ella não
 me ouve,
 Palida, fria, muda. Oh Ceo remove

Da queste mura l'infortunio orrendo
 Che ne minaccia. (*odesi da lonta-
 ne strepito e tumulto di battaglia.*)

IMOG. (*riscuotendosi*) Ove son io (Che
 intendo ?

Cozzar di brandi , e voci

Di tumulto e furor Ah ! ch'io di-
 vida ,

Ch'io disarmi i crudeli !

ADE. E tu vorresti ? ...

IMOG. Separarli, o perir. — In van mi arres-
 senti. (*parte frettolosa*)

SCENA VI.

rio terreno nel Castello: d'ambi i lati
 passaggi che mettono alle altre sale: di
 fronte grandi arcate, oltre le quali ve-
 desi l'esterno, con cascata d'acqua, su
 cui passa un ponte che conduce al Cas-
 tello.

*Al suono di lugubre marcia i soldati d'Er-
 nesto entrano coll'armi di lui, e ne fan-
 no un trofeo. — Vengono quindi i Cavalie-
 ri, tutti afflitti e pensosi: indi Adele e
 le Damigelle, Tutti si aggruppano iutor-
 no al trofeo.*

CAV. Lasso! perir così

Desta morada o infortunio horrendo,
Que nos ameaça.

IMO. (*movendo-se*) Onde estou eu? ...
que escuto?
Brandir d'espadas ... vozes
De tumulto e furor ... Ah! que eu
separe,
Que eu desarme os rivaes

ADE. E tu quizeras?
IMO Morrer, ou separallos. — Não me
sigas. (*parte appressada.*)

SCENA VI.

Atrio terreno no Castello: d'ambos os lados passagens, que conduzem para as outras Salas: defronte grandes arcadas, alem das quaes se vê o exterior com cascata d'agoa, sobre a qual passa uma ponte que conduz ao Castello.

Ao som de lugubre marcha os soldados d'Ernesto entram com as suas armas, e fazem dellas um trophéo. Vem depois os Cavalheiros aflictos e pensativos: depois Adella, e as Damas. Todos circumdam o trophéo.

CAV. E Infeliz! assim morrer

DAM. Degli anni suoi sul fior!
 E per chi mai? per chi?
 Per man d'un traditor,
 D'un vil Pirata!

ADE. E Oh! sciagurato regno

DAM. Che perdi il tuo sostegno?
 Ma tu per cui morì,
 In sì funesto dì,
 Più sventurata!

TUTTI. Vendetta intiera, atroce,
 Giuriamo | ad una voce
 Giurate |
 E' vile, é senza onor
 Chi non persegue ognor
 Il rio Pirata.

*(i Cavalieri giurano vendetta
 sull'armi d'Ernesto e si ritira-
 no.)*

SCENA VII.

*Da' una delle Gallerie del fondo si avvanza
 Gualtiero ravvolto nel suo manto, in aria
 cupa e pensosa.*

ADE. Giusto Cielo! Gualtier!

CORO. Gualtiero! Ed osi
 Mostrarti a noi? Pera il fellon...

DAM. Na flor da idade, oh dor!
E de quem foi receber
O cruel golpe! de um traidor,
Do vil Gualter!

ADE. Oh Caldora o fado teu
E A ti fez perder Ernesto!

DAM. Mas a esposa que o perdeu
Acha o caso mais funesto,
E' desgraçada!

TODOS. Vingança inteira, atroz
Sim juremos |
Jurai todos | a uma voz
Vil será, sem pondonor,
Quem não for contra o impio
Vil pirata.

(Os Cavalheiros depois de jurar vingança sobre as armas de Ernesto se retiram.)

SCENA VII.

D' uma das Galerias do fundo se adianta Gualter envolto no seu manto com ar triste e pensativo.

ADE. Justo Ceo! Gualter!

COR. Gualter, e ousas
Mostrar-te a nós? Morra o traidor.

GUAL. (*con voce imponente*) Fermate.
 Nessun si appressi. Uomo non v'ha
 che possa
 Né spaventar, ne disarmar Gualtie-
 ro.
 Largo al partir sentiero
 Apersi a' miei seguaci, e all'ira vos-
 tra
 Me volontario espongo
 Vendicatevi alfin: l'acciar depongo.
 (*getta il ferro*)

ADE. Che sento?

CORO. Oh! insano ardir!

GUAL. La morte attendo
 Senza tremar.

CORO. La morte! Eppur conviene
 Che t'oda in prima, e ti condanni il
 pieno
 De' Cavalier Consiglio.

GUAL. Ebben si aduni,
 Senza indugiar. Potria fuggirvi an-
 cora
 La vittima di mano Ancor pos-
 senti,
 E a tutto osar capaci,
 Io conosco, o guerrieri, i miei se-
 guaci.
 (*breve silenzio; Gualtiero volge gli*

GUAL. (*com voz imponente.*) A mim
 Ninguem se chegue. Homem não
 Ha que possa
 Nem assustar, nem desarmar
 Gualter.
 Larga para partirem,
 Estrada abri aos meus, e á ira
 vossa
 Voluntario me exponho:
 Vingai-vos: minha espada já
 Deponho.
 (*lança o ferro.*)

ADE. Que escuto?

CORO. Que ousadia!

GUAL. A morte espero.

E sem temer.

CORO. A morte! porem Cumpre
 Que primeiro te escute, e te condemne

O conselho dos nobres.

GUAL. Pois reuna-se
 Sem demora. Fugir-vos-ia ainda
 A victima das mãos... Inda poten-
 tes,
 E de tudo capazes,
 Eu conheço, os guerreiros, meus se-
 quazes.

(*Breve silencio. Gualter lança os*

*occhi intorno . ravvisa Adele e a
lei si avvicina commosso)*

Tu vedrai la sventurata
Che di pianto oggetto io resi ;
Le dirai che s'io l'offesi ,
Pur la seppi vendicar.
Forse un di con me placata ,
Alzerá per me preghiera ,
E verrà pietosa a sera
Sul mio sasso a lagrimar.

*(odesi suono di trombe dalla Sa-
la del Consiglio.)*

CAV. Già si aduna il gran Consesso :

Vieni , e pensa a discolparti.

GUAL. Condannato da me stesso ,

Io non penso che a morir.

CAV. Ah! costretti a detestarti ,

Pur diam lode a tanto ardir.

GUAL- Ma non fia sempre odiata

La mia memoria , io spero :

Se fui spietato e fiero ,

Fui sventurato ancor.

E parlerá la tomba

Alle pietose genti

De' lunghi miei tormenti ,

Del mio tradito amor.

CAV. Ah! parlerá la tomba

De' tuoi misfatti ancor. *(si uccide)*

olhos em roda , descobre Adella , e commovido se aproxima a ella.)

Tu verás a desgraçada

Que de penas opprimi ,

Lhe dirás que se a offendi,

Tambem fui seu vingador.

Ah! talvez , mais applacada ,

Orará algum dia por mim ,

Na mortal minha morada

Virá lagrimas verter.

(Ouve-se o som de trombas da Sala do Conselho.)

CAV. 'Stá o Conselho congregado

Vem procura desculpar-te ,

GUAL. Por mim proprio condemnado

Já disposto sou a morrer.

CAV. Inimigo tão odiado

E' forcoso admirar.

GUAL. Não será sempre odiada ,

Minha memoria , espero ;

Se fui cruel , e ferô ,

A par fui infeliz.

E fallará meu tumulo

'A compassiva gente ,

Da minha dôr pungente ,

Do meu trahido amor.

CAV. Dirá tambem o tumulo

Dos crimes teus o horror *(mata-se.)*

CORO. Che orror! . . .

SCENA VIII.

Adele e Damigelle.

ADE. Udiste? . . . E' forza, amiche,
Compiangere il crudel; gemere é forza
Un magnanimo cuor degenerato
Per avverso destin. . . . Ma chi s'ap-
pressa?

La misera Imogene,

Assorta in suo dolor. . . .

CORO. Lassa! a che viene?

SCENA ULTIMA.

Imogene, tenendo il figlio per mano. s'innoltra a lenti passi. guardando intorno smarrita. Ella é delirante.

IMOG Oh! s'io potessi dissipar le nubi
Che mi aggravan la fronte! . . e' gior-
no, o sera?

Son io nelle mie case, o son sepolta,

ADE. Lassa! vaneggia.

IMOG. Ascolta. . . (*prendendola in disparte*)

Geme l'aura d'intorno. . . Ecco l'ignuda

CORO. Que horror! ..

SCENA VIII.

Adella, e Damas.

ADE. Ouvistes? é forçoso
Lastimar o infeliz, delle ter dó,
Tão nobre coração degenerado
Por adverso destino, mas quem
chega?

A misera Imogene,

Absorta em sua dôr.

CORO. Triste! a que vem?

SCENA ULTIMA.

*Imogene trazendo o filho pela mão caminha
a passos lentos, olhando em roda assu-
tada.*

IMO. Oh se eu pudesse dissipar as nuvens,
Que 'stam diante de mim!... E' dia,
ou noite.
Estou na minha casa, ou sepultada?

ADE. A misera delira.

IMO. Ah! vem, escuta

(tomando-a aparte.)

Bafeja uma aura em torno Ali na
Inculta

Deserta riva, ecco giacer trafitto
Al mio fianco un guerrier.... Ma

non é questo,
Non é questo Gualtier.... E' desso
Ernesto.

Ei parla.... ei chiama il figlio....

Il figlio é salvo.... Io lo sottrassi ai
colpi

Dei malfattori... A lui si rechi... il
vegga...

Lo abbracci, e mi perdoni anzi ch'
io mora,

Deh! tu, innocente, tu per me l'im-
plora.

Col sorriso d'innocenza,

Collo sguardo dell'amor.

Di perdono, di clemenza,

Deh! favella al genitor.

Digli, ah! digli che respiri

Che pietoso un guardo ei giri

A chi tanto opró per te.

*(odesi dalla Sala del Consiglio
un lugubre suono)*

Qual suono ferale

Eccheggia, rimbomba?

Del giorno finale

E' questa la tromba!

Udite...

Deserta praia eu vejo oh ceo guerreiro
Exangue ao lado men...

... Mas não é este,
Não é este Gualter... E' elle Ernesto.
E falla o filho chama

'Stá salvo o filho . . . dos golpes o
... guardei
Dos assassinos veja-o .. que o
... abraçe,
E perdão me conceda antes que morra,

Ah! tu innocente, tu por mim o im-
... plora.

Co' o sorriso da innocencia

Co' a expressão de terno amor,
De perdão e de clemencia

Ah! tu falla ao genitor,
Dize a elle que da vida

A mim só és devedor.

Que não deve ser punida

Quem os dias a ti salvou,

*(Ouve-se da Sala do Conselho um
som lugubre.)*

Qual som fatal

Retumba, e chóa

Do instante final

A tromba resôa

Ouvis

CAVALLI (*dalla Sala*) Il Consiglio
Condanna Gualtier.

IMOG. Gualtierio!... oh periglio!...

Egli é prigionier!

.. Spezzate i suoi nodi.

Ch'ei fugga lasciate!...

Che veggio? ai custodi

In mano lo date!...

Il palco funesto,

Per lui s'incalzò,

Oh, Sole! ti vela

Di tenebre oscure!...

Al guardo mi cela

La barbara scure!...

Ma il sangue già gronda;

Ma tutta m'inonda!...

D'angoscia. d'affanno,

D'orrore morrò.

ADE. E Ah! vieni: riparati

DAM. A stanze piu chete:

Altrove procurati

Conforto, quiete.—

(Delira, demente,

Consiglio non sente!...

Al duol che l'opprime

Piu regger non può.)

FINE.

CAV. (Das Salas. O Conselho
 Condemna Gualter.

IMO. Gualter! . . . oh perigo! . . .

Elle é prisioneiro?

Seus laços queibrai;

Que fuja deixai . . .

Que vejo? dos guardas

Na mão o entregai . . .

O seu cadafalso

Erguido já está.

Oh sol! nega a nós

Tua vista radiosa,

Envolve o algoz

Em luz tenebrosa;

Mas já vejo o sangue

No sólo correr,

Vou examine, exangue

De susto morrer.

ADE. Ah! vem n'outra parte

E Asylo buscar

DAM. Convem moderar-te,

Convem socegar.

(Desdenha, demente,

Conselhos ouvir

Não pode á inclemente

Dôr resistir.)

FIM.

Car.

(Das Solas. O Cordeiro)

Ino!

Güster!... ei purgo!...

Elle é prisioneiro?

Seus laços quibirai;

Que seja deixai...

Que vejo y dos guardas

Na mão o cartegai...

O seu endalalalal

Figuro já está.

Oh sol! não a não

Tus vira: adios,

Enveja o algor

Em lux tamborai;

Mas já vejo o sangue

No rosto correr,

Vou examine, exangue

De sueto morrer.

Ada.

Ah! vem n'outra parte

Asilo buscar

Dam.

Cordeiro nobreza-te,

Contra a morte.

(Desce)

Conselhos ouvir

Não para o momento

De resistir.

Fin.

que tinha o poder do seu Soberano para estabelecer novas povoações nos lugares do Continente limitrophes do Brazil, e que não são habitados. Accrescentou que ajuntando o Conselho do Governador no Rio de Janeiro sobre este objecto, não achára lugar mais cómodo, e vantajoso do que o que occupava, e que elle considerava como huma parte do Brazil.

D. Philippe lhe intimou em fórma de que evacuasse o paiz, senão queria derribar o tratado de paz que acabava de restabelecer a boa intelligencia entre as Corôas de Portugal, e Hespanha. D. Manoel respondeu á intimação, que elle estava no territorio de seu Amo, e que ali permaneceria.

O Governador do Paraguay ajuntou o Conselho de Buenos-Ayres. Traçou-se nelle huma memoria onde os direitos da Hespanha, sobre o territorio de que os Portuguezes acabavam de apoderar-se, são expostos. Esta memoria ti-

na, por baze o tratado de 1668, que designava como ballizas do Brazil a Provincia de S. Vicente, do lado do Paraguay.

D. Manoel persistio na sua opinião, e oppoz a memoria do Consellio hum Mappa-Mundo feito recentemente em Lisboa, conforme o qual as trezentas leguas da Costa, que se estendão desde o Rio de Janeiro até á embocadura do Rio da Prata, e o Continente da outra margem até ao Tucuman, pertencião a Portugal. As pertenças do Governador do Rio de Janeiro ainda aqui não paravão, e os deputados de Buenos-Ayres não trouxerão ao Governador do Paraguay senão respostas que servião de illudir, e pouco satisfatorias.

Olhando desde então D. Filippe a guerra como inevitavel, despachou hum enviado para Lima, donde recebeu dentro em pouco do Vice-Rei do Peru a ordem positiva de atacar, e destruir a nova Colonia Portugueza.

Os Heptanhos do Paraguay atacão, e destroem a nova Colonia.